



A VERBETIZAÇÃO EM REDES SOCIAIS: O PROCESSO DISCURSIVO DIFERENTE DA DICIONARIZAÇÃO

VERBETIZAÇÃO IN SOCIAL NETWORKS: DISCURSIVE PROCESS DIFFERENT FROM DICTIONARY

Jonathan Ribeiro Farias de MOURA¹

¹ Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Docente de Língua Portuguesa na Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (Fiocruz).



RESUMO

O presente artigo propõe-se a analisar o processo de verbetização em páginas de redes sociais como *dicionário.carioca* e *greengodictionary* ambos com perfil na rede social *Instagram*. As postagens de ambos os perfis serão a materialidade discursiva a ser analisada, sempre refletindo sobre as discursividades que atravessam a constituição de tais postagens. Para dar suporte a essa análise, recorreremos ao dispositivo teórico da Análise Materialista de Discurso e também ao dispositivo teórico da História das Ideias Linguísticas, trabalhando conceitos como: formação discursiva, texto, textualidade, memória discursiva, gramatização e verbetização, entre outros. Para além das análises em relação às postagens nas respectivas páginas, é interessante analisar também a questão da identidade que é trabalhada nos perfis, uma vez que tanto o Carioca e o uso da sua variante, quanto o Brasileiro que usa a língua inglesa são projetados com uma formação discursiva.

PALAVRAS-CHAVES:

verbetização; discursividade; dicionarização.

ABSTRACT

This article aims to analyze the process of verbetization on social network pages such as *dictionaries.carioca* and *greengodictionary* both with profiles on the social network *Instagram*. The posts of both profiles will be the discursive materiality to be analyzed, always reflecting on the discursivities that go through the constitution of such posts. To support this analysis, we used the theoretical device of Materialist Discourse Analysis





and also the theoretical device of the History of Linguistic Ideas, working with concepts such as: discursive formation, text, textuality, discursive memory, grammaticization and verbetização, among others. In addition to the analyzes in relation to the posts on the respective pages, it is interesting to also analyze the issue of identity that is worked on in the profiles, since both Carioca and the use of its variant, as well as the Brazilian who uses the English language, are designed with a discursive formation.

KEYWORDS:

verbetização; discourse; dictionary.

1. INTRODUÇÃO

O mundo da internet está cada vez mais se expandindo e ganhando as dinâmicas no cotidiano da vida de milhões de pessoas. Dentro do vasto território da web, as redes sociais são ferramentas que os sujeitos-internautas usam para relacionarem-se, entreterem-se, informarem-se, etc. Ainda que o campo da internet seja vasto, parece que as redes sociais dão uma ideia de completude ao vasto campo, ou seja, tudo aquilo que é necessário que os sujeitos precisam saber, as redes sociais aparentam preencher. O *Facebook*, por exemplo, possui um caráter mais interativo, mas também possibilita mais reflexões através de compartilhamento de textos de autores, ou dos próprios sujeitos que ali interagem, em que escrevem textos de autoria própria. O *Twitter* dá aos sujeitos-internautas uma ideia de estar comentando/dialogando/discutindo em tempo real sobre aquilo que está em voga no momento, tudo por conta da ferramenta do *Trending Topics* que, como próprio nome em





inglês possibilita de significância, aponta para o assunto mais discutido no momento e cria a possibilidade de que os sujeitos interajam com muitos outros dando a ideia de que tudo está sendo debatido em tempo real.

Por sua vez, o *Instagram* possibilita aos seus sujeitos-usuários um entretenimento a partir de imagens/vídeos/GIFs sobre diversos temas: viagens, comidas, roupas, sapatos, cosméticos, animais de estimação, passeios a lugares, TV, música, premiações, ações beneficentes, vida de famosos, congressos, entre outras infinitas possibilidades. O *Instagram*, no primeiro momento, veio para ser uma rede social em que se preze mais pela imagem e menos pelo texto. Mas como Dias nos ensina, no terreno da digitalidade, a corpografia é uma escrita do digital em que se produz uma injunção ao corpo na forma de letra, grafo, grafia uma textualização do corpo na letra, na tela, pelo afeto, produzindo uma escrita (DIAS, 2016). Ou seja, essa materialidade do digital corresponderia a digitalidade, da mesma forma que a textualidade diz respeito à tessitura dos elementos que formam o texto. Dessa maneira, as fotos, os textos, os vídeos, e tudo aquilo que compõem as postagens (a corpografia) do *Instagram* são a digitalidade, que é maneira como essas materialidades se textualizam dentro do meio digital.

Este trabalho foca nesta rede social em específico, o *Instagram*, uma vez que as páginas que serão analisadas neste trabalho, greengodictionary e o dicionário.carioca podem ter perfis em outras redes sociais, no entanto, a maneira como se textualiza (ou seria se digitaliza?) no *Instagram* é diferente em relação às demais redes (como por exemplo no *Twitter*, a página do greengodictionary possui um perfil nessa rede social e a inscrição da escrita é bem diferente, ainda que a proposta do conteúdo da página seja a mesma). Os dispositivos teóricos são da Análise Materialista





de Discurso e da História das Ideias Linguísticas e serão trabalhados conceitos como: texto, textualidade, formação discursiva, memória discursiva, gramatização e verbetização, entre outros. Na próxima seção iremos apresentar as páginas dicionário.carioca e greengodictionary para depois analisarmos.

2. AS PÁGINAS NO INSTAGRAM: DICIONÁRIO.CARIOCA E GREENGODICTIONARY

O *Instagram* é uma rede social que surgiu em 2010 e está numa crescente popularização. Em 2012, o grupo do *Facebook*, uma outra rede social, liderado pelo Mark Zuckerberg, comprou o *Instagram*. O intuito dessa rede foi de promover o entretenimento e a foto instantânea, por isso o nome da rede é baseado na palavra *InstantCamerae* o –Gram vem da palavra *Telegram*, telegrama, fazendo alusão à forma de mandar mensagem dentro dos moldes antigos, na junção resultou o *Instagram*, como uma plataforma de fotos instantâneas. O sentido inicial foi este, promover um compartilhamento de fotos momentâneas, mas as ferramentas na internet sofrem mudanças de forma rápida, e com elas, as discursividades também mudam. Como aponta Nunes sobre as discursividades contemporâneas:

As discursividades contemporâneas podem ser consideradas como uma forma do discurso do novo, no qual se dá a instituição de novos sentidos. Elas são próximas, portanto, dos discursos fundadores, na medida em que eles trabalham a passagem do sem-sentido ao sentido (ORLANDI [1993] 2003, p. 11).

As novas discursividades, entrelaçadas aos acontecimentos, se mostram como lugares de instabilidade, nos quais as ligações entre as palavras e as coisas não estão estritamente ajustadas. Os equívocos são mais visíveis e as nomeações falham. (NUNES, 2010; p. 100)





As discursividades contemporâneas apresentam-se como novas, pois dentro da corpografia que a rede possibilita instaura-se novos sentidos. Embora Nunes (2010) aborde sobre os dicionários *online* e as enciclopédias *online* nessa passagem acima, a maneira como os discursos que são elaborados na web dá margem para que pensemos sobre o que estamos discutindo neste trabalho, ou seja, a elaboração de um perfil que define sentidos para palavras, expressões e ditos populares para uma outra língua e sobre os modos de falar sobre uma região/lugar. O *Instagram* apresenta de uma maneira nova, algo que já tinha-se na sociedade, no entanto fora da escrita da web. Essa digitalidade da rede sofre mais uma mudança, depois que a ferramenta deixa de ser só um lugar para postar fotos instantâneas e surge como meio de divulgação, de entretenimento, de formação de opinião, etc. E, dessa forma, chegamos aos perfis dos fatos de linguagem aqui analisados: *dicionário.carioca* e *greengodictionary*.

Esses dois perfis fazem uma espécie de humor na/da internet, operando com identidades linguísticas e identidade nacional. O primeiro tipo é a identidade de caracterizar o modo de falar, trazendo traços linguísticos de determinado lugar – Rio de Janeiro; é o caso do *dicionário.carioca*. Já o *greengodictionary* opera com as identidades do brasileiro em relação ao sujeito-estrangeiro, seja esse estadunidense/inglês/australiano ou qualquer falante que tenha conhecimento da língua inglesa, e faz humor de ditos populares, ou palavras bem típicas da cultura brasileira, ou frases que viralizam na internet em língua portuguesa brasileira.

As discursividades instauradas pelos dois perfis provocam uma instabilidade, ora porque as palavras não fazem uma relação direta/objetiva com o que é dito, pelo menos não para sujeitos que não estão dentro das





condições de produção dos discursos no Brasil e na internet, através de sujeitos internautas brasileiros; ora porque as palavras/as frases que funcionam dentro de um jogo discursivo e apontam para uma identidade não funcionam de outra maneira numa tradução ao pé da letra, chegando, às vezes, a não ter um sentido na língua inglesa, mas ao formular-se um verbete esses termos são compreendidos para alguém que está de fora do jogo discursivo da língua portuguesa brasileira.

Mas antes de continuarmos essa discussão, uma pergunta se coloca: para que serve um dicionário? Podemos perceber pelos nomes das páginas que o termo dicionário é inerente, tanto no caso de “dicionário” em relação ao dicionário.carioca, quanto o termo “dictionary” para o nome greengodictionary, que evoca o termo em inglês para dicionário.

Dicionário, como coloca Auroux (2014), é uma tecnologia para descrever e instrumentar uma língua. Serve como uma ferramenta para o saber metalinguístico. Dessa forma, o dicionário vem prestando uma função de apontar sentidos de palavras que estão em curso na língua. Se pensarmos em dicionários bilíngues, a ideia de apontar sentido não só se faz presente, como também evidencia sentidos de termos e frases que, para um sujeito não falante da língua estrangeira retratada, pode facilitar a atribuição de sentido de tais termos e frases, é o caso de expressões idiomáticas, por exemplo. Os dicionários *online* são exemplos de trabalhos interessantes, não só porque os dicionários que gozam de certo prestígio ganharam o formato *online*, mas também por conta de sites (como o Dicionário inFormal) que começaram a deixar que os sujeitos internautas comesçassem a definir palavras e expressões. Para esses sites, que não gozam de prestígio institucional, o número de verbetes é imenso, ganhando definições tanto de palavras/





expressões que estão correntes para os sujeitos, quanto para palavras que possuem determinado significado em dicionários de prestígio, mas por estar em circulação em outras condições de produção de grupos específicos, ganham outros significados que não estão dicionarizados (MOURA, 2018).

O que define se uma palavra vai entrar ou não em um dicionário com prestígio vai depender do número de ocorrências de determinado termo e da sua amplitude, pode ser que uma palavra seja dicionarizada e depois saia, como apontam Moura e Souza (2015), ou pode ser que uma palavra fique bastante popular em um determinado nicho/grupo e que nunca seja dicionarizada, ou até que demore a ser dicionarizada e depois o termo se concretize. Segundo Nunes,

os dicionários são lugares de estabilização dos sentidos. No processo de inserção das novas discursividades no instrumento lingüístico ocorre uma migração de sentidos, da qual resultam transferências e deslocamentos na passagem de um a outro discurso. Depois de ressoar diante do acontecimento, os discursos tornam-se objeto de um trabalho de arquivo e de construção de uma memória institucionalizada nos dicionários. (NUNES, 2013; p. 163)

É a partir dessa reflexão de que dicionários são lugares de estabilização de sentidos que Moura (2018) formula o conceito de verbetização, ou seja, um termo ou expressão que ganha sentido *in loco*, para que não precise chegar ao *status* de entrar nos dicionários de prestígio. É dessa forma que diversas palavras e expressões correntes no discurso LGBT são silenciadas em dicionários que possuem um valor lexicográfico. No entanto, a verbetização não se limita a apenas funcionar nessas condições, palavras que têm um sentido dicionarizado, mas que em determinado momento como, por exemplo, numa sala de aula, ou numa conversa; os alunos, ou o interlocutor não saiba(m) o sentido de tal





vocábulo e expressão, o sujeito que enunciou define com as suas próprias palavras. Enquanto a dicionarização está para as instituições e um saber lexicográfico, a verbetização está para o fluir dos discursos e dos sentidos. É na língua corrente que a verbetização nasce, seja na oralidade, seja escrita, seja na digitalidade. Como pontua Nunes em relação apenas ao dicionarizar,

O dicionário não é a língua fluida, e sim uma língua imaginária, e sua história tem a especificidade de sua materialidade. Se o texto lexicográfico é constituído por meio de retomadas, cortes, reformulações, reorganizações, transferências, etc., o jogo da memória e da atualidade aí se dá de modo singular. A memória do dicionário é uma memória institucionalizada e pelo texto do dicionário ou fragmentos dele, como um verbete, uma acepção, um exemplo, a memória é transferida de uma língua a outra, de um país a outro, de uma instituição a outra, de uma disciplina a outra, e a cada vez é reconfigurada, esquecida, reorganizada, silenciada etc. Essa é uma característica discursiva dos objetos tecnológicos lexicográficos. (NUNES, 2013, p.163)

Voltando para a discussão iniciada nos parágrafos acima, devemos evidenciar o mote dos perfis do dicionário.carioca e o greengodictionary: são páginas de humor. Assim, não necessitam ter um rigor científico, nesse caso lexicográfico, para definir as palavras e expressões. Quando entramos na página dos perfis, encontramos no dicionário.carioca: “Carioquês e Fluminense Oficial, site de entretenimento, dicionário da malandragem” em seguida um link para mostrar que quem criou foi a ViktóriaSavendra (sic). Já no perfil do greengodictionary é formulado em inglês: “GreengoDictionary, por pura diversão, Father of the Donkeys, BrazilianDictionary”. O perfil é administrado pelo Matheus Diniz que viu o potencial da página depois de uma postagem no seu perfil do Facebook que fez em novembro de 2018. Observamos também o caráter humorístico que a página tem, assim como o dicionário.carioca. Na





próxima seção iremos analisar os elementos que compõem a página levando em consideração o que foi apontado neste último parágrafo.

3. VERBETIZAR NA WEB: ANALISANDO OS VERBETES NOS PERFIS

Como discorremos acima, verbetizar tem um caráter diferente em relação ao dicionarizar. O verbetizar ocorre de maneira mais fluida, prezando-se pela língua em curso, enquanto o dicionarizar está dentro de rituais institucionais que validam que determinados vocábulos estejam oficialmente na língua, dando, nas palavras de Orlandi (2002), “uma ideia de completude da língua”. Esse rito e essa ideia dão o caráter de uma língua imaginária, uma vez que não refletem o que é a língua em curso (ORLANDI; SOUZA, 1988).

Dessa forma, partimos do princípio que os perfis *dicionário.carioca* e *greengodictionary* verbetizam as expressões/palavras, porque operam de maneira mais fluida e sem um aval institucional. Outro ponto a ser discorrido é em relação ao humor. Este trabalho não fará uma análise do humor que atravessa a página, entretanto é impossível analisar os perfis sem levá-los em consideração. O humor aponta como algo que dessacraliza, que desestabiliza os sentidos. Podemos pensar que o humor sirva para falsear o real. Mas ele pode ficar no limiar entre o falsear o real e evidenciar o real, ou o denunciar.

Neste trabalho, não vamos considerar o humor como um “falseador”, mas sim como um elemento que arquiteta as verbetizações e denunciando o simulacro de identidades que operam nos perfis analisados.

Como colocado mais acima, os perfis se denominam como “site de entretenimento” (*dicionário.carioca*) e “por pura diversão” (*greengodictionary*). Interessante pensar que entretenimento e diversão funcionam em tais condições de produção como equivalentes. O entreter resulta no divertir e o





divertir resulta no entreter. Essa equivalência nos coloca, de novo, de frente com a funcionalidade da rede social Instagram: entretenimento.

Outro ponto é o nome, especificamente, do greengodictionary. A palavra greengo é um jogo homônimo com gringo, em que se utiliza a palavra do inglês green (que significa verde) e a sílaba –go que pode ser interpretado como o verbo go no inglês. Gringo significa estrangeiro de forma depreciativa na linguagem popular brasileira, segundo o Mini Dicionário Aurélio. O efeito de sentido do vocábulo *green* evoca, de certa maneira, ao Brasil, uma vez que uma das cores presentes na bandeira brasileira é o verde, junto com o amarelo, greengo poderíamos pensar como um “Vai verde” estabelecendo uma relação com “Vai, Brasil”, uma frase de motivação usual nos jogos da seleção brasileira de futebol. Já no dicionário.carioca o que interessa é a “biografia” escrita no perfil: “Cariquês e Fluminense Oficial” e “o dicionário da malandragem”. Percebemos que além do carioca, pessoas naturais da cidade do Rio de Janeiro, o perfil não ignora o restante do estado do Rio de Janeiro ao colocar a denominação Fluminense, nome dado para todos aqueles que nasceram no estado do Rio de Janeiro. A parte que coloca “dicionário da malandragem” é interessante porque evoca uma projeção que tanto brasileiros, quanto o restante do mundo possuem sobre o carioca: o de malandro. Essa imagem se propaga com o surgimento do personagem Zé Carioca, criado pelos estúdios *Walt Disney*, e também faz com que a imagem do brasileiro, em uma relação metonímica se agregue à malandragem, de uma forma exógena; e a personalidade dos cariocas para dentro do Brasil, ou seja, de uma forma endógena.

Abordando um outro ponto, mas agora em relação ao greengodictionary, dentro da biografia é colocado: “Father of the Donkeys, Brazilian Dictionary”, ou seja, pai dos burros, Dicionário Brasileiro. Essa alcunha do dicionário como





“pai dos burros” é algo que opera em língua portuguesa brasileira, talvez, no português europeu tenha a mesma alcunha, mas não há essa alcunha para a língua inglesa. A tradução é uma forma de projetar a funcionalidade que o termo tem em língua portuguesa. Logo depois, a ideia posta no termo dicionário brasileiro trabalha que os termos ali verbetizados funcionam em língua portuguesa brasileira, fazendo uma relação com ditos populares, com palavras que funcionam pelos sujeitos brasileirose também em termos/frases que viralizam através dos sujeitos brasileiros.

Essas projeções do que é o brasileiro, do que é o carioca e do que é o gringo são uma forma de organização dos sentidos e esse trabalho é ideológico (ORLANDI, 2003), vão ao encontro dessa ideia, uma outra trabalhada pela autora que ao analisar o “Diálogo da Conversão do gentio” do Padre Manoel da Nóbrega e assim apontar o discurso fundador da brasilidade observa nessas condições uma necessidade de “cara” para o país. “Preguiça, mentira, ócio, confiança desmesurada no futuro, e maus costumes” são termos atribuídos aos brasileiros. Interessante destacar o ócio, pois é essa qualidade que vai reiterar o processo de uso da internet pelo sujeito brasileiro.

Segundo *Hootsuite* e *Weare Social*², os brasileiros ficam 9 horas e 14 minutos na internet, perdendo apenas para os tailandeses e filipinos. E é aqui que esse ócio retorna junto com um típico dizer comum entre os brasileiros: “Brasileiros fazem piada de tudo”. Ênfase na palavra tudo, porque são capazes de rir dos outros, mas também de si mesmos, de situações trágicas e por aí vai. Essa operacionalidade do humor, está de maneira indireta associada

² G1 (2020). Disponível em: <https://g1.globo.com/especial-publicitario/em-movimento/noticia/2018/10/22/brasileiro-e-um-dos-campeoes-em-tempo-conectado-na-internet.ghtml>.



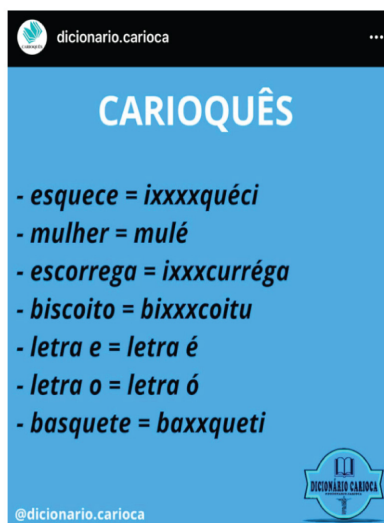


ao ócio. Quem tem tempo para tanta criatividade? Por que rir de situações trágicas? O ócio na internet junto com a frase que “Brasileiros fazem piada com tudo” parece responder essas questões. É nesse sentido que os dois perfis funcionam, ora operando com uma identidade do carioca/fluminense, ora operando com a identidade do brasileiro em língua inglesa.

4. DICIONÁRIO CARIOCA: VERBETIZANDO O FALAR CARIOCA/FLUMINENSE

Dividimos a análise dos verbetes em duas partes: a primeira para o [dicionario.carioca](#) e a segunda para o [greengodictionary](#). Observamos a imagem abaixo:

Figura 1 — imagem printada do perfil da página dicionário carioca



Fonte: [dicionario.carioca](#) (2020).

A primeira imagem é uma maneira para retratar uma forma da variante carioca. O alteamento da vogal na sílaba, além da marca registrada da





variante carioca que é o S chiante. A maneira de falar “esquece” – terceira pessoa do presente do indicativo – se assemelha bastante à primeira pessoa do singular do pretérito perfeito “esqueci”, em termos da ortografia verbetizada no dicionário.carioca, no entanto a sílaba tônica muda no verbo no tempo do pretérito. O S chiante vira o som de X e há uma maior duração da consoante registrada pela letra X marcada na verbetização com 4 letras x. O mesmo ocorre com as palavras *escorrega*, *biscoito* e *basquete* em que há marcação da durabilidade do S chiante. Outro elemento linguístico que é marcado é a despalatalização do –lh na palavra *mulher*, fazendo com que fiquem *mulé*. Em relação as vogais há um alteamento na pré tônica e na vogal na sílaba inicial em *escorrega* (ixxxcurréga) e alteamento de vogal na vogal no final da palavra em *basquete* e *biscoito* (baxxqueti e bixxxcoitu). A vogal final abre na palavra *mulher*, uma vez que perde o –R no final, algo comum também na fala carioca. Outro elemento evidenciado é a pronúncia das vogais E e O, colocado como É (vogal aberta) e Ó (vogal aberta). É trabalhado nesse verbete uma forma de falar, não abrangendo o falar carioca na totalidade, é uma projeção imaginária que abarca uma parte dos cariocas. Para que haja esse efeito de “completude” da variante, por ser pinçado traços fonológicos mais proeminentes do falar carioca, mas que não abarca, por exemplo, o falar fluminense em que lugar no norte do estado fala-se o S como sibilante. Outro elemento que trabalha essa projeção imaginária é a despalatalização em *mulher*. Não retrata a todos os cariocas, uma vez que entre o som palatal e o despatalizado tem o som da consoante lateral (L) com a semivogal (I).

Já nas imagens abaixo, perde-se esse caráter de dicionário e cria-se um modo de verbetizar que está dentro de uma condição que recria um diálogo,



colocando-se turno de fala entre locutor (que pergunta) e o interlocutor (que responde como a projeção do carioca). Veja abaixo:

Figura 2, 3 e 4 –imagens printadas do perfil dicionário.carioca



Fonte: dicionário.carioca (2020).

As três verbetizações começam com a pergunta “Você é carioca?”, mais uma vez aqui temos uma exclusão do sujeito-fluminense. A resposta às perguntas é interessante. Na imagem 2, com a figura da Baía de Guanabara e o Morro do Pão de Açúcar – cartões postais da cidade do Rio de Janeiro – ao fundo, a resposta é sim. Sabe-se nos estudos de análise da conversação que o brasileiro no geral tende a responder de forma afirmativa sem o advérbio, mas sim com o verbo colocado na pergunta. A imagem 3 ocorre a mesma resposta. Já na imagem 4, a resposta é o verbo ser em primeiro pessoado presente do indicativo “sou” recuperando a tendência das análises de conversação. Depois o diálogo segue nas três imagens com os dizeres “Então fala”. Percebemos aqui uma variação que é típica na fala carioca e fluminense, a alternância de pessoa do discurso, o verbo falar na terceira pessoa do singular do



Imperativo Afirmativo, para que se concorde com o pronome você, é fale, no entanto como o pronome você ganhou o status de segunda pessoa do discurso, há uma concordância com essa pessoa, então o verbo fica fala (fala tu). A aglutinação da segunda e terceira pessoa do discurso (tu e você) no falar carioca é produtiva, o que fica evidente nesses verbetes. Logo após essa colocação, cada imagem vai pedir para o carioca “falar” de um determinado tópico, na imagem 2 é colocado “ta sonhando?”; na imagem 3 “ta muito calor” e na imagem 4 “espera um pouco”.

O “ta sonhando?” coloca em evidencia uma característica de alguém, em momento específico, que esteja sem foco, ou sem prestar atenção, dessa forma, em um momento onírico. E aí, a resposta do carioca é: “ta na Disney?” em que foca-se sobre os parques da Disney em que é caracterizado pelos personagens do universo Disney e pela fantasia de toda indumentária e recursos artísticos trazendo os traços da fantasia. A pergunta, que funciona como resposta à pergunta acima, reafirma essa incredulidade e dá um ar de sarcasmo para o seu possível interlocutor. Já a imagem 3 coloca a resposta “90 graus na sombra mermão”, essa ideia do 90 graus célsius opera no imaginário dos cariocas, por conta das altas temperaturas que cidade tem em diversos momentos do ano. Essas temperaturas ocorrem por conta da geografia e o clima do Rio de Janeiro, um clima tropical e a geografia montanhosa da cidade que promove altas temperaturas. O termo “na sombra” reforça o calor exacerbado que a cidade sofre, que mesmo na sombra o calor nunca fica ameno. Já o termo “mermão” é uma aglutinação entre o pronome possessivo “meu” e a palavra “irmão”, vocábulo utilizado pelos cariocas para interagir com outras pessoas, inclusive do sexo feminino. Essa resposta imprime o imaginário





do falar carioca e reforça um jeito de falar como está calor. A imagem 4 tem como resposta “marca um 10”. A ideia posta pelo verbo marcar seria de durabilidade, de período, já o 10 faz alusão a dez minutos. Todavia, esse 10 é fictício, “marcar um 10” virou uma expressão cristalizada para esperar por determinado tempo curto.

Nunes faz uma colocação para a formulação do dicionário, mas que aqui, podemos deslocar para o ato de verbetizar, segue a citação:

significa que o dicionário **não é algo que estaria na mente das pessoas desde que elas nascem, mas, sim, algo que é produzido por práticas reais em determinadas conjunturas sociais**, ou seja, o dicionário é produzido sob certas “condições de produção dos discursos”. **E as palavras não são tomadas como algo abstrato, sem relação com os sujeitos e as circunstâncias em que eles se encontram, mas sim como resultantes das relações sociais e históricas, relações essas que são complexas e, por vezes, polêmicas ou contraditórias**. Assim, o dicionário é visto como um discurso sobre a língua, mais especificamente sobre as palavras ou sobre um setor da realidade, para um público leitor, em certas condições sociais e históricas. (NUNES, 2010, p. 6; grifos nossos)

O mesmo podemos dizer sobre a verbetização, os termos não estão na mente das pessoas desde que elas nascem, são produzidos a partir de práticas reais e conjunturas sociais. No caso dos verbetes analisados aqui, dentro da digitalidade, em que refletem as relações sociais, históricas, altamente complexas. A verbetização é um discurso da língua sem o rigor institucional, mas com o rigor da metalinguagem apontando para a língua em curso. Na seção seguinte continuamos a analisar, mas passamos para os verbetes do greengodictionary.





5. GREENGODICTIONARY: VERBETIZANDO TERMOS PARA A LÍNGUA INGLESA

O greengodictionary tem o mote de fazer humor através da tradução de expressões brasileiras – ditos populares, frases viralizadas na internet por sujeitos brasileiros e expressões idiomáticas – para a língua inglesa. Abaixo os primeiros exemplos:

Figura 5 e 6 –imagens printadas do perfil da página greengodictionary



Fonte:greengodictionary (2020).

A imagem 5 coloca uma expressão muito usada entre os brasileiros: “fazer vaquinha” uma expressão utilizada com o intuito de juntar dinheiro para uma determinada causa com ajuda de pessoas. Essa expressão nasceu, de acordo com o site significados.com.br e o artigo online da revista Super Interessante³, de uma benfeitoria do futebol. Na década

³ SUPER ABRIL (2020). Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/qual-e-a-origem-da-expressao-fazer-uma-vaquinha/>.





de 20, do século XX, os torcedores do time de futebol Vasco da Gama reuniam-se para premiar os jogadores com valores equivalentes ao jogo do bicho (jogo de sorte muito popular no Brasil). Então, o menor prêmio era relacionado ao número 5, do cachorro, que equivalia a 5 mil réis. Esse valor era quando o time empatava. Já o número 10, do coelho, era quando o time do Vasco venciam o adversário de forma modesta, fazendo com que os jogadores ganhassem 10 mil réis. Já o grande prêmio pago em finais de campeonato, ou em goleadas, era do número da vaca, 25, que equivalia a 25 mil réis. A partir disso acredita-se que a expressão “fazer vaquinha” tem a ver com essa história dos torcedores do Vasco se juntarem para incentivarem os jogadores. Essa expressão se mantém até hoje na memória discursiva dos brasileiros.

O termo é traduzido para a língua inglesa como “to make a littlecow”, ou seja, é feita uma tradução literal para o inglês. Em língua inglesa há uma expressão semelhante a fazer vaquinha é “chip in” ou “clubtogether”, no verbete coloca-se o que significa “fazer vaquinha”: “toputtogether a certain amount of money collectively, to reach a common goal; (syn) crowdfunding” (reunir uma certa quantia de dinheiro coletivamente. alcançar um objetivo comum. [sinônimo] financiamento de multidão. **Tradução nossa**). É trabalhado nesse verbete o humor de uma expressão que em língua inglesa não opera da mesma forma que em língua portuguesa brasileira, daí vaza o humor, para os falantes de língua portuguesa brasileira que possuem o inglês como língua adicional, e para os falantes de inglês, que mesmo sem saber a língua portuguesa brasileira, percebem a desestabilização de uma tradução literal que não funciona da mesma forma em língua inglesa. O verbete, mesmo explicado em língua inglesa





o significado da expressão em língua portuguesa brasileira, ganha um *status* para os falantes anglófonos por provocar o imaginário do que é a língua portuguesa do Brasil.

A imagem 6 traz uma expressão do universo LGBT, como Moura (2018) apresenta em seu trabalho. A expressão “dar a Elza” é comum nesse universo e significa furtar, afanar. O nome Elza, ainda que muitos apontem para a cantora Elza Soares, não é um consenso de onde saiu, de qual ocasião, mesmo que seja o nome da cantora. Dessa forma, não há clareza de quem é essa Elza e o que ela de fato fez para ficar ligado ao ato de furtar/afanar. A expressão “dar x”, como Moura (2018) coloca, é muito produtiva no meio LGBT. Dessa maneira, podemos pensar que essa expressão já é ligada a um nicho específico e não possui verbete em nenhum dicionário de *status* (ligada a uma instituição de prestígio). Na verbetização do greengodictionary, podemos ver a expressão em inglês “togivethe Elza” e o verbete “tosteal” são colocados como sinônimos. Coloca-se em equivalência uma outra expressão, talvez também muito utilizada entre os LGBTs dos EUA, que é “to do Winona” fazendo referência a atriz Winona Ryder que foi pega cometendo furto em uma Loja de Departamento dos EUA. Ao colocar a atriz como exemplo, a expressão parece ficar mais concreta para os falantes de língua inglesa. Porque a questão não é só expressar o ato de roubar, mas evidenciar que dentro da expressão possui um agente da ação que é mulher. Elza e Winona ficam no mesmo nível semântico e ideológico, pois não se perde o caráter feminino que a expressão em língua portuguesa brasileira tem. A seguir as imagens 7 e 8.



Figuras 7 e 8 —imagens printadas do perfil da página greengodictionary



Fonte:greengodictionary (2020).

A imagem 7 coloca a verbetização de uma expressão muito comum em língua portuguesa brasileira. Segundo o artigo da revista Super Interessante, a expressão nasceu a partir de uma peça teatral de Amaral Gurgel, que foi baseada numa história de um mendigo que supostamente vivia no Rio de Janeiro no início do século XX. O mendigo sempre pedia algo, mesmo que fosse um “pão duro”. Depois de sua morte descobriu-se que ele tinha um grande patrimônio com contas em bancos e até imóveis. Há uma expressão em inglês para pessoa sovina são elas: “tight-fisted” ou “iron-fisted”. “Hard bread” significa o pão (alimento) duro (mais passado). No verbete, é explicado que a expressão em língua portuguesa brasileira significa uma pessoa que evita gastar dinheiro com qualquer coisa, uma pessoa avarenta. Mais uma vez percebemos, no vazar da expressão em português do Brasil, um toque cômico para um falante não nativo. Justamente porque a formação discursiva de um sujeito-anglófono não vai ter na sua memória discursiva a ideia de pão



duro como pessoa que seja avarenta. Daí o humor, daí também o significar nas línguas e uma projeção de que sujeitos são esses, os brasileiros e os falantes de língua inglesa.

A última imagem, 8, faz referência a cantora Lady Gaga. A cantora estadunidense estava confirmada para a edição do Festival Rock In Rio em 2017. Por conta de dores em decorrência da fibromialgia, que provoca dores por todo o corpo. Em uma postagem no seu *Instagram*, a cantora começa com “Brazil, I’m Devasted”. A frase acabou viralizando na internet, virando um meme para circunstâncias de surpresa. Podemos perceber que o greengodictionary faz uma tradução às avessas, a verbetização ocorre de língua inglesa para língua portuguesa. “Brasil, estou devastada” é usada para sonhos e expectativas que são quebradas. A segunda parte do verbete aponta para a situação dos fãs da Lady Gaga “refere-se a um dos momentos mais trágicos para os fãs brasileiros de música pop” em que a cantora teve que cancelar a vinda para o festival do Rock In Rio.

Esse deslocamento de língua inglesa para língua portuguesa ocorre, porque o meme acontece em língua inglesa mesmo sendo usado por falantes de língua portuguesa. Ao capturar a tradução da frase da cantora para português, há um efeito subversivo de posições discursivas de quem é o alvo do verbete. Uma vez que os sujeitos brasileiros usam o termo em inglês, o conhecimento da tradução em português é direcionada aos falantes de língua inglesa. Inevitavelmente, temos que pensar na questão da língua de poder ao redor do mundo e o papel da língua portuguesa. O greendictionary opera em atribuir *status* ao português – no caso o português brasileiro – uma vez que coloca expressões, termos e frases que significam entre sujeitos brasileiros. O uso do português numa frase em inglês, sobre uma





cantora estadunidense, não foge disso reafirma nessas circunstâncias a posição que o brasileiro possui dentro da web, o protagonismo dialogando com a língua franca – de poder – do mundo.

6. A WEB COMO UMA FORMA DE FAZER PROJEÇÃO DAS IDENTIDADES CARIOCA/FLUMINENSE E BRASILEIRA

Ao longo deste trabalho, podemos observar que as projeções das identidades elaboradas pelos perfis *dicionário.carioca* e *greengodictionary*, reafirmam, mesmo que em outro momento histórico, o discurso fundador imputado aos brasileiros e por eles reafirmado: que o brasileiro é ocioso, que brasileiro é malandro (ORLANDI, 2003; FERREIRA, 2003). Um aspecto importante é que nesse último item, malandragem serve de forma metonímica, como Rio de Janeiro é uma cidade internacionalmente conhecida, os seus cidadãos, cariocas, são projetados como protótipos de brasileiros para o mundo. Já internamente, os cariocas ficam com esse atributo de malandro, por conta da vida cultural que a cidade possui e por ter a figura do malandro inerente a essa cultura.

Todavia o discurso dos perfis analisados vai além e significam na/pela digitalidade. Um elemento novo é o humor. Em paralelo continua atuando o “deixar-se falar” como coloca Ferreira: “Na sua íntima convivência com o clichê, o brasileiro aceita que falem dele, e mais: ele próprio é agente dessa fala que se encontra diluída no inconsciente coletivo do país.” (FERREIRA, [1993] 2003, p. 71). Esse processo é verificado pelos perfis. Produz-se uma narrativa que abre para o novo, com elementos da escrita digital, significando de outras maneiras, operando de maneira exógena e endógena. Exógena pelo *greengodictionary* que alimenta a imagem de uma identidade de ser





brasileiro e endógena pelo dicionário.carioca que reafirma um estereótipo de ser carioca frente a diversas outras identidades dentro do Brasil. Indo nessa esteira, podemos pensar o que Dias pontua sobre as postagens na internet:

Uma postagem tem que circular. A circulação é parte da constituição do sentido do postar. É pela circulação que se dá sua eficácia tecnológica, sendo a viralização o grau máximo dessa eficácia. O viral é a atestação da circulação, mas não é garantia de historicização do sentido, não é garantia da verticalização da memória. Pela característica do viral que é a replicação, o excesso do dito, é justamente esse retorno do mesmo que o impede de significar na história, fazendo-o expandir-se horizontalmente. (DIAS, 2019, p. 64)

A circulação das projeções das identidades carioca/fluminense e brasileira mostra a eficácia tecnológica e faz com que perpetue o discurso fundador. Sabemos que as verbetizações desses perfis retratam uma época e um modo desse linguajar, mas não temos como assegurar que esse modo irá se perpetuar. Com exceção dos ditos populares (greengodictionary) que funcionam dentro da memória discursiva, os outros verbetes podem ou não se estabilizar na língua.

A formação discursiva do carioca e a formação discursiva do brasileiro operam dentro dos perfis com uma certa exclusão de outras formações discursivas para carioca e para brasileiro. Quando perguntamos se todos os cariocas falam da forma como a página retrata o falar carioca e se as frases/termos que estão no greengodictionary refletem o falar de todos os brasileiros, parece que a resposta é não, todos abarcam muitos e seguramente não teria como fazer uma afirmação como essa. Entretanto, sabemos que a funcionalidade do humor opera nessa unidade. E esse humor é abraçado justamente no terreno da internet, são sentidos que circulam ali pelos sujeitos internautas que frequentam determinados sites, que discorrem





sobre determinados assuntos. Não se pode ter a ilusão que só de estar nas redes sociais faz de um sujeito conhecedor desse linguajar. É necessário uma comunhão, compartilhar dos mesmos espaços na web e por aí em diante, para que se compreenda os sentidos. Tais sentidos são edificados a partir da formação discursiva, como Pêcheux postula:

Chamaremos, então, formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada, numa conjuntura dada (...) determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.). (...) uma palavra, uma expressão ou uma proposição não tem um sentido que lhe seria “próprio”, vinculado a sua literalidade. Ao contrário, seu sentido se constitui em cada formação discursiva, nas relações que tais palavras expressões ou proposições mantêm com outras palavras, expressões ou proposições da mesma formação discursiva. (PÊCHEUX, [1975] 2009, p. 147-148)

Assim, as formações discursivas do greengodictionary e do dicionário carioca operam seus enunciados em clichês do que é ser carioca e do que é ser brasileiro. A partir daí, como os sentidos do modo de falar do carioca/fluminense vão chegar para os brasileiros e como os sentidos dos termos/frases dos brasileiros vão chegar para os sujeitos anglófanos podem ser uma miscelânea de reiterar o lugar de malandro (para ambos), o lugar dos sujeitos ociosos (também para ambos), o caráter humorístico (apenas para o brasileiro) e o lugar da informalidade- em termos de tratamento- (para o carioca).

7. CONCLUSÃO

Conseguimos apontar a importância da verbetização no processo metalinguístico de descrever e de instrumentar uma língua, nesse caso,





tendo o terreno da internet como foco. Percebemos com isso que o verbetizar pode ir para dois caminhos: um é o reforço de discursos que já se propagam na língua, o outro é como apenas um retrato, podendo se perpetuar no curso da língua ou não.

A verbetização está intrinsicamente ligada a cultura de determinada língua ou local, aproveitando as palavras de Nunes sobre fazer dicionário:

Assim, além de visar ao conhecimento específico de uma ou mais línguas, fazer dicionário serve para entrar em contato com uma sociedade ou uma cultura desconhecida, produzir uma identidade nacional, regional ou de grupo social, conhecer os conceitos utilizados em certas áreas das ciências, dentre muitas outras coisas.(NUNES, 2010, p. 7)

O verbetizar contribui também para a produção de uma identidade nacional, regional, ou de um grupo social (MOURA, 2018), no entanto a digitalidade proporciona uma certa incerteza se tais dizeres irão ficar ou não na língua. Pode ser que fiquem ou que não fiquem. O que vai determinar é a saída desses dizeres para o curso do real da língua, estabelecendo a inscrição de sentidos não só no digital da história, mas também no real da história.

Os sujeitos internautas vivem estabelecendo relações com palavras/frases na internet, a partir daí, as palavras podem funcionar na web, no curso da língua falada, ou em ambos. Dessa forma,

todo sujeito produz seu próprio dicionário ao formular um discurso. Mas quando se trata de elaborar o texto do dicionário enquanto lista de palavras e verbetes com definições e exemplos, as técnicas e o método são fundamentais. (NUNES, 2010, p. 15)





Há uma brecha nessa citação de Nunes, quando ele postula que todo sujeito produz o seu dicionário, é a mesma elaboração paraverbetização, principalmente em circunstâncias de oralidade em que o sujeito explica uma palavra e/ou uma expressão. Mas também a verbetização é utilizada no processo de escrita da digitalidade em que não há uma técnica, nem o método de elaboração, muito menos é ligado a uma instituição que valide o saber elaborado em tais circunstâncias. A validação da verbetização dos termos dos perfis do dicionário carioca e greengodictionary vem através do postar, segundo Dias,

o postar resulta de uma relação de significação entre a escrita e o meio, uma vez que postar inclui o percurso, o compartilhamento, a visualização, a “curtida”. Essa relação de significação entre a escrita e o meio que caracteriza o modo de textualização do postar se inscreve no processo da circulação, um dos três momentos do processo de construção dos discursos, a saber, o da circulação, o da constituição e o da formulação, conforme postulou Orlandi (2001). (DIAS, 2019, p. 64)

Enfim, tanto o processo de dicionarizar, quanto o de verbetizar parecem ser instrumentos para descrever uma língua. O funcionamento que cada uma vai ter dependerá das condições de produção em que estão, em que dicionarizar terá um respaldo científico e legitimador e o verbetizar terá o processo de metalinguagem mais fluido, que pode servir para que tais termos cheguem a ser dicionarizados em algum momento. O que percebemos é que tal fluidez vai ao encontro da digitalidade presente nos perfis do dicionário carioca e do greengodictionary, fazendo um trabalho discursivo que aponta para questões linguísticas e reforça clichês identitários.



REFERÊNCIAS

AUROUX, S. **A Revolução Tecnológica da Gramatização**. Campinas: UNICAMP. [1992] 2014.

DIAS, C. P. A Análise do Discurso Digital: um campo de questões. **Caderno de Estudos do Discurso e do Corpo**, v. 10, p. 8-20, 2016.

_____. Textualidades Seriadas: entre a repetição, a regularização e o deslocamento, o caso dos memes. **Rasal**– Revista de la sociedade Argentina de estudios lingüísticos – v. 2, p. 55-74, 2019.

FERREIRA, M. C. L. A antiética da vantagem e do jeitinho na terra em que Deus é brasileiro (O funcionamento discursivo do clichê no processo de constituição da brasilidade). In: ORLANDI, E. P. **Discurso Fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional**. Campinas: Pontes, [1993] 2003. p. 69-79

MOURA, J. R. F. **Da sombra às cores: análise discursiva do dicionário LGBTs Aurélia**. Tese (Doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

_____.; SOUZA, T.C.C. Memória e processos lexicais em mídia popular. In: SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DA LÍNGUA PORTUGUESA, 5, 2015, Lecce. **Anais [...]**. Lecce: ScietificaElettronica. v. I. p. 537-550, 2017.

NUNES, J. H. **Dicionário no Brasil: análise e história do século XVI ao XIX**. Campinas: Pontes, 2006.

_____. Discursividades contemporâneas e dicionário. In: INDURSKY, F; FERREIRA, M.C.L.; MITMANN, S. **O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras**. São Carlos: Claraluz. 2009.

_____. Dicionários: Histórias, Leitura e Produção. **Revista de Letras da Universidade Católica de Brasília**, Brasília, v. 3, n. 1, 2010.



_____. A Invenção do dicionário brasileiro: transferência tecnológica, discurso literário e sociedade. **Revista de historiografia** linguística, v. 2, p. 159-172, 2013.

ORLANDI, E. P.; SOUZA T.C.C. A língua imaginária e a língua fluida: dois métodos de trabalho com a linguagem.”In: ORLANDI, E. **Política Linguística na América Latina**. Campinas: Pontes. 1988.

_____. Ética e Política Linguística. In: _____. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**. Campinas: Pontes, 1998.

_____. **História das Idéias Linguísticas**: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional. Cáceres: UNEMAT, 2001.

_____. Lexicografia discursiva. In: **Língua e conhecimento linguístico**: para uma História das Idéias no Brasil. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Discurso Fundador**: a formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas: Pontes, [1993] 2003.

_____. Discurso e texto. Campinas: Pontes, [2001] 2008.

_____. Discursos e museus: da memória e do esquecimento. In **Entremeios**, v. 9, p. 1-8, 2014.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: UNICAMP. [1975] 2009.

_____. **O Discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes. [1983] 2012.

